

O ano de 1993: um texto apocalíptico ou o prenúncio da heterodoxia religiosa em Saramago

RONALDO VENTURA SOUZA*
Universidade de São Paulo

“**A**s pessoas estão sentadas numa paisagem de Dalí com as sombras muito recordadas por causa de um sol que diremos parado” (SARAMAGO, 2007: 7), em que a alusão ao pintor Salvador Dalí nos remete a uma paisagem marcadamente surrealista, em que impera o imaginário, a transgressão dos limites do real, o onírico. E já no terceiro versículo, o autor afirma, com ironia, que não “importa que Dalí tivesse sido mau pintor se pintou a imagem necessária para os dias de 1993” (SARAMAGO, 2007), mas o livro não é apenas um quadro, de forma que saímos do pictórico, pois o sol não está parado, de modo que “a paisagem é muito menos daliniana do que ficou dito na primeira linha” (SARAMAGO, 2007: 9). Estamos diante de um mundo estranho que nos será apresentado em *O ano de 1993*, de José Saramago, publicado em 1975, ainda no chamado “período formativo” do autor. A alusão ao pintor surrealista Salvador Dalí não é por acaso, pois o que iremos encontrar nos trinta capítulos do livro pode ser descrito como surreal, em que se podem perceber elementos tanto da ficção científica (os animais robóticos, que servem ao invasor), como de um mundo em que a realidade que conhecemos é totalmente transgredida (como no caso das vaginas que criam dentes e arrancam os pênis dos estupradores). A relação desse texto com a estética surrealista abre para José Saramago um caminho que trará um grande êxito literário para sua obra posterior, uma vez que

a proliferação imagética, somada à mecânica da analogia e da justaposição na produção textual, todos os factores atinentes à estética surrealista, significa uma

* Doutorando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo.

liberação de José Saramago em direcção a uma maior valorização do imaginário na sua escrita que [...] manterá uma porta aberta, e de alta rentabilidade literária, para o maravilhoso. (COSTA, 1997: 223)

Trata-se, pois, de um texto híbrido, a meio caminho entre a prosa e a poesia: se por um lado nos encontramos diante de uma narrativa crivada de elementos da ficção científica, esta mesma nos é apresentada em forma de versículos, característica marcante dos textos bíblicos. Aliás, *O ano de 1993* pode ser caracterizado como uma escrita apocalíptica, tal como o *Apocalipse* de São João, último livro da *Bíblia*. Para muitos especialistas, o último livro do cânone religioso cristão se caracteriza como “uma apresentação cíclica de visões que repetem, ou recapitulam, a mesma mensagem básica de perseguição presente, destruição iminente dos maus e recompensa dos justos” (McGUINN, 1997: 565). De certo modo, essa característica do *Apocalipse* bíblico pode ser notada nas páginas desse livro de Saramago, cuja dicção é marcada pelo “tom urgente, profético e visionário, de textos bíblicos” (COSTA, 1997: 218), como o que citamos. Nele, temos uma cidade ocupada por invasores cruéis que submetem seus habitantes a todo tipo de vexação e privação, terra em que os homens são mortos e as mulheres violadas e em que todas “as noites enlouquecem dois ou três habitantes da cidade” (SARAMAGO, 2007: 40). No entanto, há um futuro para esse povo, pois essa cidade se tornará, ao termo da narrativa, uma terra livre, “por onde corriam soltos e claros os rios e onde as montanhas azuis mal repousavam sobre as planícies” (SARAMAGO, 2007: 120), o que guarda alguma semelhança com o texto do *Apocalipse* em que, depois de todos os flagelos impostos ao mundo, os justos têm direito a um paraíso celeste, a nova Jerusalém, onde “não haverá mais noite: / ninguém precisará mais da luz da lâmpada, / nem da luz do sol, / porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos” (Ap. 22, 5). De forma que a natureza cíclica do Apocalipse bíblico parece também se repetir em *O ano de 1993*. No capítulo 24, inicia-se a luta contra os invasores, e sete dias e sete noites (o número 7 é significativo no texto bíblico, sendo recorrente em vários pontos: o cerco a Jericó, a criação do mundo, os sete selos, etc.) “durou a marcha pelos labirintos da montanha”, onde “às vezes se descobriam pinturas de homens lutando contra animais ou outros homens” (SARAMAGO, 2007: 98-99). Em seu penúltimo capítulo, um vento

que dura significativamente três dias (o número 3 é simbólico para o texto bíblico: Jonas fica três dias no ventre da baleia, Jesus ressuscita no terceiro dia, etc.) varre todos os vestígios dos invasores, e, ao final disso, chove e a terra fica “purificada”, e, como uma espécie de marco, surge um arco-íris (símbolo da aliança entre Deus e Noé após o dilúvio) “que não se desvaneceu nem quando o sol se pôs” (SARAMAGO, 2007: 118), surgindo, assim, a terra livre, uma espécie de paraíso, sem os invasores:

A mulher e o homem voltaram à cidade deixando pelo chão um rasto de sete cores lentamente diluídas até se fundirem no verde absoluto dos prados

Aqui os animais verdadeiros pastavam erguendo os focinhos húmidos de orvalho e as árvores carregavam-se de frutos pesados e ácidos enquanto no interior delas se preparavam as doces combinações químicas do outono

Entretanto o arco-íris tem voltado todas as noites e isso é um bom sinal. (SARAMAGO, 2007: 120-121)

A relação desse livro com o texto bíblico, seja pela sua característica versicular, seja pelo seu tom profético e visionário, antecipa, na obra de Saramago, o trato do tema religioso que dará origem a um dos livros mais polêmicos do autor: *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Nesse romance, Saramago relê o texto bíblico dos evangelhos através do mecanismo da paródia. Com sua releitura dos evangelhos, o romancista nos oferece uma nova versão da história de Cristo, pautada por uma visão crítica e irônica em relação aos textos que parodia. Assim, o evangelho saramaguiano caracteriza-se essencialmente como uma releitura heterodoxa do mito cristão, de tal forma que nele encontramos um Cristo humanizado, pairando entre o divino e o humano, e um Deus que se confunde com um ser egoísta e tirânico, um tanto diferente da imagem que o discurso religioso tenta nos transmitir. Desse modo, enquanto nos evangelhos bíblicos temos um Cristo empenhado em seguir o seu destino, cumprindo assim os desígnios de seu pai celestial, o Jesus de Saramago luta sem sucesso para impedir que Deus leve seus planos de expansão adiante; se no texto bíblico temos um *happy end*, uma vez que Cristo é crucificado, mas obtém a vitória sobre a morte, ao ressuscitar no terceiro dia, no romance, como

observei em minha dissertação de mestrado, “o Jesus saramaguiano não ressuscita e seu fim é como o de todo homem: nascer, viver e morrer” (SOUZA, 2007: 143). O que importa é a humanidade, de modo que, “onde o Jesus do Evangelista Lucas diz, no momento de sua crucificação, ‘Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem’, o Jesus de Saramago diz ‘Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez’” (SOUZA, 2007: 145-146).

O divino é também ironizado em *O ano de 1993*, em que os deuses podem ser o sol, a lua, a montanha, o rio, ou até mesmo o homem, pois “cada tribo tem o deus que prefere e não outros” (SARAMAGO, 2007: 90). Nesse contexto, os velhos deuses não são bem-vindos, uma vez que desprezaram os homens: “Aquele mesmo céu que os velhos deuses em tempos idos habitaram e donde de pais para filhos desprezaram os homens porque desprezo fora impor-lhes salvação contra a própria humanidade” (SARAMAGO, 2007: 89). Esse tema da relação do humano com o divino, já presente em *O ano de 1993*, será de suma importância na obra posterior de Saramago, principalmente em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, do qual falamos. Segundo Horácio Costa, “todas as formas de discurso escrito produzido ao longo da vida intelectual de um escritor são fundamentais para oferecer um padrão referencial do desenvolvimento do seu processo mental e artístico” (1997: 176). Daí podemos apontar a importância desse livro, publicado em 1975, dentro do contexto da obra desse importante escritor português, pois ele antecipa temáticas cruciais na escrita romanesca do autor que virá a seguir. Além, é claro, de ser uma leitura das mais fascinantes, seja pela sua natureza híbrida, um meio-termo entre prosa e poesia, seja pelo seu projeto narrativo, em que irrompe o humano com todas as suas contrariedades, em que

a arquitetura discursiva se bipolariza, mantendo como resultado uma tensão ideológica [...] Essa construção dual do texto aponta igualmente para uma oscilação de soluções, para um compromisso incômodo, para a necessidade de escolha, e outras atitudes humanas sempre definidas pela tensão, a incerteza ou mesmo a incompatibilidade. (SEIXO, 1999: 20)

Referências Bibliográficas

- COSTA, Horácio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1997.
- McGUINN, Bernard. Apocalipse. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. p. 563-582.
- SARAMAGO, José. *O ano de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEIXO, Maria Alzira. *Lugares de ficção e José Saramago – o essencial e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.
- SOUZA, Ronaldo Ventura. *O Jesus de Saramago e a literatura que revisita Cristo*. Dissertação de mestrado – FFLCH/USP, São Paulo, 2007.